

Hospitais brasileiros vão enviar equipes ao Haiti

Equipes de São Paulo e de Porto Alegre devem embarcar nos próximos dias. Cirurgiões, ortopedistas e pediatras vão prestar ajuda às vítimas do terremoto Caos Em Porto Príncipe, feridos são atendidos no meio da rua. O tremor que abalou o Haiti na última terça-feira (12) produziu um cenário de caos no país. Milhares de mortos estão amontoados pelas ruas e o atendimento aos feridos é difícil e improvisado. A ajuda estrangeira e as equipes de resgate têm dificuldades para chegar às áreas mais atingidas para prestar socorros os sobreviventes. Nesta sexta-feira (15), a Organização Pan-Americana de Saúde (PAHO), ligada a ONU, estimou que o devastador terremoto poder ter causado a morte de 50 a 100 mil pessoas no país. O presidente do país, René Préval, confirmou que 7 mil corpos foram enterrados em uma vala comum. O governo brasileiro, além de enviar mantimentos, equipamentos e pessoal especializado em resgate, está mobilizando grupos de voluntários de hospitais e da sociedade civil para ajudar no atendimento das milhares de vítimas do país. Um grupo de 100 voluntários do Grupo Hospitalar Conceição (GHC), em Porto Alegre, aguarda a autorização do Ministério da Saúde para embarcar para o Haiti. Traumatologistas, pediatras e cirurgiões devem ficar no país caribenho de 15 a vinte dias. Outro hospital acionado pelo governo foi o **Albert Einstein**, de São Paulo, que já organizou uma equipe de 45 profissionais para prestar atendimento à população do Haiti. Serão médicos de diferentes especialidades (clínicos, cirurgiões, ortopedistas, anestesistas, infectologistas), técnicos em laboratório e raio-x, enfermeiros, farmacêuticos e auxiliares administrativos. Além disso, 14 toneladas de medicamentos e equipamentos de ultra-som e de exames laboratoriais serão enviados. O coordenador da missão e gerente-médico de Pacientes Graves do Hospital **Albert Einstein**, Oscar Fernando Pavão, afirma que a equipe vai preparada para atender os mais diversos casos, como suporte aos pacientes com doenças crônicas que perderam o controle de suas enfermidades (cardiopatias, diabetes), controle de doenças infecciosas, recuperação de traumas e ação em possíveis epidemias que possam afetar o país. "É impossível prever o que vamos encontrar por lá. Temos que estar preparado para tudo", diz Pavão. A expectativa da equipe, que deve embarcar para o Haiti nos próximos dias, assim que o governo federal autorizar, é de fazer 200 atendimentos por dia ao longo de 10 dias. Apesar da dificuldade da ação, Pavão está animado com a missão. "Solidariedade faz bem a todos. Será uma missão difícil, mas prazerosa. Os médicos brasileiros podem fazer a diferença por lá", diz.

Veja a matéria [Veja Foto da Página](#)